



DOI 10.20396/conex.v16i2.8652996

Artigo Original

A beleza ultrajada

Paulo José Germany Gaiger¹

RESUMO

O objetivo desse texto é discutir sobre o domínio falocrático em relação ao trinômio gênero, corpo e beleza, a partir de inquietações que se fundamentam no domínio masculino sobre as características a serem adquiridas e sustentadas pelas mulheres. Parte-se de uma visão pós-moderna para questionar a arrogância e a prepotência masculina e suas formas de controle, inclusive com a adoção de uma eterna permanência e existência do masculino por meio dos nomes.

Palavras-Chave: Gênero. Corpo. Beleza.

¹ Universidade Federal de Pelotas
Recebido em: 8 maio 2018
Aprovado em: 30 jun. 2018
Contato: teatro.ufpel@gmail.com

The outraged beauty

ABSTRACT

The aim of this text is to discuss the phallogocentric domain in relation to the trinomial gender, body and beauty, based on concerns that are based on the masculine domain on the characteristics to be acquired and sustained by women. It starts from a postmodern view to question male arrogance and arrogance and its forms of control, even with the adoption of an eternal permanence and existence of the masculine by means of the names.

Keywords: Gender. Body. Beauty.

La belleza ultrajada

RESUMEN

El objetivo de este texto es discutir sobre el dominio falocrático en relación al trinomio género, cuerpo y belleza, a partir de inquietudes que se fundamentan en el dominio masculino sobre las características a ser adquiridas y sostenidas por las mujeres. Se parte de una visión posmoderna para cuestionar la arrogancia y la prepotencia masculina y sus formas de control, incluso con la adopción de una eterna permanencia y existencia del masculino por medio de los nombres.

Palabras Clave: Género. Cuerpo. Belleza.

INTRODUÇÃO

A reflexão que proponho é resultado de muitas das inquietações que vêm desvelando, por um lado, a cristalização em modos invisíveis a manifestos, da visão falocrática do trinômio gênero, corpo e beleza, e, por outro, a mutação dócil e venal dos modos conservadores e masculinistas da visão de gênero, do corpo e da beleza, que não somente alcançam o beneplácito dos aceitamentos pós-modernos, mas, sobretudo, conservam ocultamente incorporada a visão prepotente e androcêntrica. Ou seja, o gênero, o corpo e a beleza, estão sujeitos, em que pese as aparentes e às vezes reais transformações, à pesada mão masculina: a que dissemina a fealdade, a que semeia a injustiça, a que desenha as funções, linhas e curvas do feminino, a que bate o martelo, a que escreve a história, a que dá nome às ruas, a que se eterniza através de sobrenomes filho, júnior e neto.

Sobremodo, o tema da beleza, bastante colidente, polissêmico e controverso ao mesmo tempo, é o que emerge neste texto como o grande desafio às diferentes organizações sociais, a cada indivíduo e a todos os seres humanos, mulheres e homens. Entre outras referências, saltam aos olhos a beleza como o anátema das condições que preservam as piores injustiças e desigualdades e, por isso, marginalizada em quase todas as configurações sociais dos mundos ocidental e oriental, especialmente nas regiões subdesenvolvidas; e a beleza mercenária e padronizada, tal mais um atributo condicional do consumo de produtos, de estéticas e aparências físico-periféricas, pressuposto para a aceitação e circulação urbana de mulheres ocidentais. Embora possam parecer em extremos opostos, compartilham e padecem nos mesmos latifúndios improdutivos do gozo e do autoritarismo falocráticos.

Assim, cuidadosamente comparto este meu desassossego procurando não perder de vista a interdependência entre os temas e sua complexidade. Ademais, desejo esta breve especulação comprometida com a vida vivida e, nesse sentido, alerta para duas questões transversais e não menos importantes que atravessam esta reflexão de maneira incisiva e constante: a ética e a violência. Ainda é importante acrescentar o meu debruçar sobre o escrito de quatro autores: Pierre Bourdieu (A dominação masculina), André Glucksmann (O discurso do ódio), Richard Dawkins (Deus, um delírio) e Christine Greiner (O corpo – pista para estudos indisciplinados).

BARBÁRIE E GÊNERO

Ainda hoje, passados mais de dois milênios da boa vida dos patrícios gregos e da resignação de suas mulheres emudecidas, a condição feminina reflete uma realidade histórica, social e “cultural” que insistentemente se reproduz e se manifesta de maneiras matizadas de discriminação explícita à edulcorada, sutil e invisível. Em todos os casos, a discriminação e o

preconceito são compreendidos, em razão da ausência de reflexão e conhecimento que nutre o mesmo preconceito, como parte da natureza humana, isto é, culpa-se a natureza pela iniquidade e se justificam as situações de injustiça, tolhimento e desigualdade.

A injustiça, o tolhimento e a desigualdade implicam, de um lado, o impedimento autoritário ao desenvolvimento ético e humano de mulheres e, por outro, a involução humana e ética dos homens que desfrutam o poder autoritário e falocrático. Assim, mulheres e homens perdem ao obstaculizar e obscurecer as capacidades e qualidades que lhes são essenciais e vitais para alcançar uma vida boa e compartilhada; assim, perdem homens e mulheres ao reduzir a interesses de poder e submissão, a condição relacional ética dos seres humanos. Entretanto, embora os homens se esforcem por reproduzir e manter a ideia autoritária e falocrática e, portanto, infantil de homem, é a ilusão de superioridade e poder armazenada e renovada geracionalmente, o que, ao mesmo tempo, suscita no homem a sensação de conforto ao desfrutar do poder, e de temor, com a iminência de perdê-lo. Os verbos “partilhar e respeitar” dificilmente entram na mesa de discussão.

As consequências do autoritarismo falocrático são visíveis, daninhas e revelam a miséria humana oculta detrás dos discursos ontológicos representados na família, na escola, nas igrejas e no Estado, instituições eficazes de convencimento e preservação do sentido natural da iniquidade: um razoamento deliberado, escarnecedor e cínico que dista dos instintos e determinismos cíclicos da natureza. Aos homens, o espaço público, o conhecimento, os empreendimentos e as decisões; às mulheres, o confinamento doméstico, o obscurantismo, os labores marginais e a resignação.

De modo semelhante, o termo “cultura”, sem dúvida, foi e é usado a partir de uma perspectiva igualmente masculinista, também para justificar a injustiça, o tolhimento e a desigualdade. A “cultura” sob essa compreensão, passa a ser outra ferramenta de dominação, ou seja, dos que “produzem e reproduzem” a “cultura”, e das subjugadas, as que sofrem as humilhações históricas sob a tutela desta mesma “cultura”.

Se muitas vezes o olho ocidental venera a “cultura alheia” porque lhe parece exótica, é maiormente porque a brutalidade está longe. Aceitar a burca, o corte do clitóris e os pescoços-girafa como manifestações culturais que devem ser toleradas, é igualmente aceitar que o vizinho ao lado estupe e violento a própria filha, mesmo que a menina não entenda a violação como violência. Então, decepa as pernas de seu bebê varão. Preconizar a vida doméstica, a maternidade e a obediência ao marido, são a burca moral e discreta, a incisão indolor do corpo em sacrifício a Deus. Então, desde pequenino, algeme e encerre seu filho varão em uma jaula. Impor o manual da mulher moderna escrito para a aprovação masculina, é a burca em alta moda, o doce flagelo corporal a diário nas academias e estéticas. Então, entorpeça seu filho varão e sirva seu corpo no jantar.

As burcas usadas pelas mulheres afegãs não as escondem mais do que as sujeições que punem nossas mulheres brasileiras, somente que aqui o manto é invisível. Em boa parte, sentem-se obrigadas a diariamente fazer e servir o café, o almoço e a janta a seus maridinhos, cumprindo servilmente seu papel de esposa e suprimindo a mulher. Uma quántupla jornada: o trabalho remunerado, o doméstico, a educação da prole, a academia, a disposição para o sexo. Na garupa, o figurino, o penteado, os sapatos de salto, as inflexões, os olhares e sorrisos ensaiados, a aparência independente, a mãe zelosa, o estilo de caminhar e sentar, a disciplina e a moderação.

Mulheres de certas igrejas são obrigadas ao uso de saias e cabelos compridos e condenadas a uma vida vigiada como se fossem a própria encarnação do mal, a exemplo das freiras católicas. Meninas correm atrás de fotos e beijos de celebridades masculinas, putas da mediocridade, um “big sister”. Becos espinhosos e sem saída, destinados às mulheres que não podem desejar ou forjar alternativas.

Aqui não se cortam braços nem pernas, nem mulheres são apedrejadas por multidões de machos covardes e imbecilizados. Aqui se cortam é a dignidade, a visão de mundo, a percepção de si, a liberdade, com o uso do estratagema da doma dócil e do discurso da boa sujeição invisível.

Uma das definições de cultura traz à superfície um “conjunto de modos de vida e costumes, conhecimentos e nível de desenvolvimento artístico, científico, industrial em uma época, grupo social, etc.”. Complementarmente, como “conjunto de conhecimentos que permite a alguém desenvolver seu juízo crítico”. A cultura é forjada e se forma no diálogo entre homens, mulheres e a natureza. É o resultado de uma dinâmica de inter-relações respeitadas e equitativas.

Se os bens, normas e conquistas sociais não são e não podem ser produzidos, comungados e desfrutados equitativamente por todo o grupo social, mulheres e homens, o que se deduz é que existem lacunas e abismos no processo evolutivo e civilizatório, isto é, a inexistência de uma “cultura” ou, de outro modo, a incubação de uma “cultura” de perpetuação de estados de bestialidade. Se às mulheres lhes está reservado os papéis suplementares e de cega obediência, impostos pelo poder falocrático do mais forte, ágil e versátil, paródia do reino animal selvagem, a elas também lhes está obstaculizado o “desenvolvimento do juízo crítico” e o acesso ao conhecimento e seu desfrute, instrumentos indispensáveis para a transformação de situações de injustiça, para a evolução humana e para a criação de cultura.

As regiões onde predomina o autoritarismo masculino, quase sempre amparado no discurso religioso, “cultural” e “histórico” das heranças e tradições, a pobreza, o subdesenvolvimento e as desigualdades econômicas e sociais se manifestam humanamente inaceitáveis. A injustiça e a iniquidade são resultados da ação, das decisões e escolhas

humanas, ou melhor, dos homens, ou ainda, de machos que não alcançaram ser homens. Em outras palavras, o subdesenvolvimento e a miséria se perpetuam e se deificam na mesma proporção em que se reproduzem, se justificam e se cultivam o poder falocrático e os vazios culturais. Vergonhosamente, é a “Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher”, uma das que carrega o maior número de reservas entre os tratados das Nações Unidas. De modo geral, a maior parte dos países signatários, embora suas várias promessas, não investiu em campanhas contra a discriminação da mulher e menos ainda propôs programas educativos que questionassem costumes, tradições, valores, atitudes e crenças discriminatórias.

A violência doméstica é a realidade universal de discriminação contra a mulher mais conhecida, e que cruza diferentes etnias, comunidades, países desenvolvidos ou do terceiro mundo. Contudo, o mais preocupante é a covarde omissão do Estado, da família, das igrejas e da escola frente a uma realidade múltipla e desumana. Ao contrário, os processos atuais de educação, por exemplo, ainda cultivam o caráter sexista e a diminuição da condição feminina: pais e mães determinam funções e papéis domésticos, distintos e desiguais para filhos e filhas; as igrejas e religiões reforçam preconceitos, a divinização falocrática e a naturalização do sofrimento feminino; os governos e os poderes econômicos, frequentemente em mãos de homens, lucram com a pobreza e a discriminação.

Sobre as mulheres negras, sobretudo, recaem o duro e duplo peso da discriminação e preconceito. À menina negra, já lhe descrevem o destino de menosprezos que vão aviltando e tolhendo suas capacidades humanas desde a infância.

Assim mesmo, às poucas mulheres negras que alcançam a universidade e, ainda, ao menor grupo de mulheres negras que consegue a titulação, cnicamente lhe são reservados os aplausos mais eloquentes por conta de sua formatura. A violência usa de seus disfarces mais surpreendentes: embora negra e mulher, e talvez pobre, conseguiu aquilo que é reservado aos brancos e às brancas. Uma dádiva ao esforço que rompeu as “limitações naturais” de gênero e cor.

Contudo, nos lugares e momentos históricos em que as mulheres, pouco a pouco, conquistaram espaços de participação e decisão, embora nunca em situação de igualdade ao gênero masculino e, também por isso, borradas da história oficial escrita a mãos varonis, as ações comunitárias, o desenvolvimento humano e o progresso compartilhado permitiram avanços e benefícios múltiplos e sensíveis às comunidades. Nas famílias onde as mulheres têm o poder de decisão, a qualidade de vida de filhos e filhas é superior a das famílias onde o varão comanda. Um estudo feito em 17 países subdesenvolvidos revela também que mães solteiras conseguem educar os filhos e filhas em melhores condições, embora as dificuldades e a pobreza, de que se estivessem à sombra do marido. Sabe-se que os acordos de paz e de reconstrução, depois dos conflitos beligerantes, têm mais probabilidade de êxito quando as mulheres intervêm e têm poder de decisão.

O respeito à mulher e a sua condição de ser político, livre, autônomo e de decisão, medra, como consequência, o respeito à infância, a meninos e meninas, ou seja, presente e futuro prenhamos de equidade e justiça. As metas do milênio, desenhadas pela ONU, somente poderão ser alcançadas com a participação efetiva, política, livre e autônoma de mulheres de todo o mundo. Independentemente da origem dos preconceitos e da discriminação, é preciso desconstruir os estereótipos e as crenças na superioridade masculina e na inferioridade feminina, condição única para o desenvolvimento e evolução ética e humana.

Pensar sobre as razões, a reprodução e manutenção da discriminação e preconceito contra a mulher, especialmente em seus modos de violência invisível e institucional, consiste de uma tarefa urgente e sempre atual.

OBEDIÊNCIA E CORPO

Às mulheres, de modo geral, o corpo é um invólucro ao mesmo tempo desconhecido, pela subtração da complexidade, e materializado, pela cômoda simplificação. Corpo docilmente constrangido e regrado através da restrição imposta pelo uso de saias, saltos e bolsas, estilos e protocolos, que determinam uma constante e cansativa autovigilância. Um corpo que ora deve ser coberto, por ser casto, ou ora exibido, por ser atrativo. Em nenhum dos casos, há liberdade e autonomia. Em ambos os casos, o corpo feminino é um corpo para os outros, que se constrói em razão e para o olho externo masculino. À mulher que cumpre os quesitos da etiqueta, design físico e vestuário, são atribuídas, naturalmente, as virtudes da moral e do caráter. Sem dúvida, a “mente sã em corpo são” trás em seu íntimo a associação entre caráter, moral e propriedades físicas. Ao longo da história o adágio discriminou raça, sexo, idade, condição econômica, religião e saúde. Na iconografia cristã, são quase todos, ou todos, brancos e bonitos; na aberração nazista, também. O resto da humanidade deve ser eliminado. Que mente sã é esta? Que pensamento ela pensa? Que atitude ela toma? O “corpo está sarado”, porém...

O ser-mulher é um ser para os homens. Nesse sentido, o corpo-físico é necessariamente sexualizado e coisificado, requisito para que a mulher passe a ser notada. As várias horas de ginástica, cosmética e compras, partem menos de uma decisão livre e visam ainda menos a estima pessoal. Mas se deseja a aceitação do mundo paterno, do futuro marido e do mundo dos negócios, efeito gerador de uma pseudoestima, porque dependente e subordinada. Mesmo entre mulheres, muitas vezes as formas de verem-se umas as outras, estão condicionadas previamente pelo olhar masculino.

As obrigações e as precauções terminam por condenar as mulheres a uma espécie de conflito existencial: a mulher que de todas as maneiras busca alcançar o corpo ideal posto à venda, e a mesma mulher que se depara diariamente com seu corpo real. Grotowski, diretor teatral polonês, chegou a dizer que o corpo passara a ser o nosso maior inimigo. Ele se referia aos hábitos, bloqueios e clichês corporais que inibem e banalizam a criação do ator. Tomando emprestada sua preocupação, em uma das extremidades da insensatez, o convencimento de que se deve atingir o corpo ideal universal preconizado pelas revistas da moda e pelas

indústrias do fitness, é uma quimera, uma estupidez, uma farsa alienante: com os olhos contaminados, a imagem do corpo refletida no espelho, mesmo sob dietas e horas de malhação, ironicamente termina por causar desconforto, em ser o obstáculo que impede a “felicidade”. Portanto, à anorexia, às cirurgias plásticas, ao esgotamento, à depressão. Contudo, enquanto notório o esforço em direção ao ideal de corpo, acrescido das boas maneiras, da simpatia, do charme e da paquera, a mulher gozará da aprovação masculina e poderá, inclusive, esnobar as mulheres “inábeis”. O opressor privilegia e incita a cizânia e a rivalidade entre os oprimidos: que se matem, mas que obedçam.

As tiranias não poupam os instrumentos de coação somente para estabelecer a ordem social e política, mas, sobremaneira, usam de todos os artifícios da moral e da religião para condicionar ou eliminar o corpo feminino.

Até agora, se está limitando o corpo aparência, a seus contornos e às maneiras de comportar-se. A questão emerge como o pássaro Phoenix: temos ou somos um corpo?

As pessoas têm canetas, carros e roupas. A caneta serve para escrever e quando a carga termina, frequentemente a jogamos no lixo seletivo e compramos outra. O corpo não é uma caneta, embora os mecanismos de sedução procurem reduzi-lo a mais um objeto manipulável. Se se tem um corpo, e um corpo que segue um modelo padrão, saliente, vistoso e excitado, como o último modelo de celular, de automóvel ou de computador, significa que ele pode ser manipulado e dispensado; significa que todos os corpos fora do padrão, serão execrados, considerados sem utilidade, portanto, à lixeira. Nesse sentido, o mercado da beleza corporal marginaliza idosos, gordos, sindrômicos, raquíticos, portadores de necessidades especiais, pobres, sedentários... de modo mais intenso, embora invisível, do que nos tempos em que mulheres, negros e índios foram massacrados como detrito humano. E afinal, se tenho um corpo, eu sou o quê? Sem dúvida, é difícil perceber-se como corpo quando se deseja o corpo de outro.

O que não é mensurável é desprezado: a imaginação, os sentidos, a sensibilidade, a emoção, o amor, o inusitado, a liberdade, o pensamento, a ação. Assim o corpo visível se apresenta subtraído especialmente da ação em ser e estar no mundo, de suas inter-relações, de sua transcendência. O corpo jamais é um ente físico-biológico, um organismo, um conjunto de vísceras, músculos e ossos.

Para os chineses², o corpo não é um substantivo, um nome, um objeto, uma embalagem. É sendo, é ação, a própria existência, a vida vivida: um corpo andando, um corpo sentado, um corpo que planta, um corpo doente, um corpo rindo, um corpo que chora, um corpo pensando.

O corpo é verbo, compondo-se da experiência vivida e refletida, da ação, do inesperado, de uma rede de relações significativas. Antonin Artaud entendia o corpo como um

² Greiner, C. p. 22, 2005

corpo sem órgãos, opondo-se aos estereótipos e automatismos que reduzem, conformam e engessam as experiências humanas e o próprio ser humano. O corpo é, e solicita, “uma rede móvel e instável de forças e não de formas”. Para Artaud, “o corpo pode ser vivo, mas não necessariamente orgânico”³. Nesse sentido, são falsos os padrões de beleza, é um embuste a beleza tangível e subordinada, são absolutamente pérfidos os discursos de “saúde e beleza”. Temos que aprender e compreender as diferentes e diversas belezas na e da ação humana. Provavelmente, estas embebidas de ética, justiça e bondade. Talvez a força e a beleza do professor de literatura que parou os tanques mortais de Pequim, em 1989.

O corpo é um sistema plural e inter-relacional, biológico e cultural, social e político, pensante e atuante, amoroso e inteligente, memória e sonho, simples e complexo, infinito e mortal. Não há hierarquia, nem mais nem menos importante. Tudo pulsa, tudo respira, tudo troca. Zonas sem fronteira, com trânsito livre e de fluxo constante.

Somos uma rede de processos químicos, físicos, biológicos, anímicos, neurológicos, sensoriais, imprevisíveis, criativos, organizados e interdependentes: a notícia que recebo em meu celular, me põe os cabelos em pé, perco o apetite e encho meus olhos de água; um beijo me faz vibrar e me põe a imaginar e idear minha vida com minha companheira.

A qualidade da percepção de ser humano é imprescindível para os processos de educação e formação humana, isto é, aprender a ver o ser humano em todas as suas dimensões. Pilar de Santa María sinaliza, “a visão humanista do homem passa necessariamente por uma visão humanista de seu corpo”⁴, o corpo que ele é, que é ele.

A compreensão de corpo que semeio, implica a reflexão e o esforço profundo e radical: a ruptura com o controle social que molda o corpo e a conduta dos seres humanos, padroniza e ordena suas ações, impõe um modo uniforme de vida.

O que está sobre tudo, para além da divisão didática (ou redutora) e dos efeitos explicativos de mente e corpo, espírito e carne, é o ser humano. A origem e a finalidade são mulheres e homens em sua liberdade, inteireza e imprevisibilidade.

A BELEZA ULTRAJADA

Algumas fábulas e versões da história fazem referência à condição da mulher e à beleza, ora como aquilo que pode abrir os olhos dos homens, ora como aquilo que os cega. A beleza de Helena resulta em seus diversos sequestros e na insensata guerra de Tróia. Os poetas atribuíram a sua beleza, a causa do sofrimento humano e de todos os castigos do mundo. Homens morrem de amor, porque não suportam viver de amor.

³ Ib. p. 25.

⁴ Santa María, Pilar López de. “El Humanismo del cuerpo”. 2003, p. 226.

Ló, sobrinho de Abraão, homem correto segundo o Deus no antigo testamento, antes de copular e engravidar suas filhas, as oferece aos homens de Sodoma para que as humilhem e abusem. No livro “Juízes”, um levita entrega à multidão enfurecida, sua filha virgem e a mulher de seu convidado para serem estupradas. A estupidez causou outra estupidez: vingança, guerra e 60 mil homens mortos. Tudo sob as bênçãos de Deus, que é pai e homem. A culpa, mais uma vez, será das mulheres.

No Gênesis, quando Deus flagra Adão comendo a maçã ou, em outras palavras, descobrindo-se ser humano e homem, o homem Adão, temeroso, só consegue dizer: “foi ela”, apontando seu dedo a Eva. Deus castiga a mulher, rogando-lhe pragas e o destino de dores e de subserviência ao marido. Existe coisa pior do que o mito lido como palavra fixa e divina? Católicos, evangélicos, judeus e islâmicos parecem ser espertos nas artes da mentira, da injustiça e da opressão.

Sara, a bela mulher de Abraão, foi usado por seu marido como joguete e prostituta para os enriquecimentos ilícitos do pai das três confissões monoteístas. Jefté combina com Deus a vitória sobre os inimigos. Em troca, cozinha sua única filha em oferenda. Regozijo nos céus masculinos. O corão e a bíblia conformam um chamado à violência e à discriminação contra a mulher.

Agostinho elabora as ideias mais duras, estigmatizando as mulheres como causadoras do desejo e portadoras do pecado. Melhor a fealdade que encerra, que a beleza que transforma.

Os gregos clássicos proibiram às mulheres a participação na ágora e nas decisões políticas. Aprenderam o medo de Zeus, o todo-poderoso da mitologia, que enviou Pandora, mulher belíssima, para provocar a cizânia e a guerra entre os homens e, assim, mantê-los na escuridão e na ignorância: prazer masculino e reprodução da espécie. Pandora passa a ser a responsável pelos erros humanos. É fácil culpar os outros. A beleza abre os olhos de quem deseja ver, pensar e agir. Os homens temem mudar a realidade e a si mesmos.

Honduras é um país machista e cristão, onde as mulheres sofrem diariamente as humilhações sexistas mais violentas. A pobreza, a destruição meio ambiental, a violência e a desigualdade deste país centro americano se explica: muitos hondurenhos, mais machos que homens, da elite aos pobres, têm pânico da beleza e das mulheres e, por isso, como Deus manda, usam da força física e de todos os recursos cruéis para emudecê-las e escondê-las.

O subdesenvolvimento está vinculado organicamente à ordem masculina, ou seja, onde somente homens têm voz e vez, a guerra, a pobreza, a desigualdade e a injustiça cravam as raízes mais fundas. O mundo islâmico é um outro bom retrato da mediocridade: em nome de Deus, se massacram as mulheres. A beleza toca fundo. As mulheres no islã, são as únicas a

reivindicar publicamente o direito à cidadania, a afirmar-se como indivíduos, a propor um devir. Elas, portanto, devem desaparecer dos olhares de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo ocidental, a mulher é transportada da clausura doméstica à publicidade e às revistas. Maquiadas e nuas, encolerizam as vozes masculinas da moral e dos bons costumes. A beleza incomoda. Melhor masturbar-se imaginando a beleza oculta debaixo dos véus e das leis. Ou abusar em nome do amor, mesmo que a menina tenha somente 12 anos, como Lolita, no romance de Nabokov. O desejo e a paixão do macho justificam tudo. O amor verdadeiro virá depois. Cristãos, judeus e islâmicos são hábeis no despotismo. Talvez porque, como escreveu Sade, “a injustiça provoca ereção”⁵.

Paradoxalmente, os gregos buscavam na escultura a beleza que escondiam dentro de casa. A beleza da escultura se assentava em que sua forma desnuda exterior, expressava a verdade e a inteireza interior do ser humano que não tem nada a ocultar.

São muitos milênios de mando masculino e de algumas conquistas femininas. Contudo, seguem costumes, crenças e tradições que disfarçam um machismo que se revigora e que teme a sua própria imagem. De fato, são pouquíssimas as mulheres que efetivamente declaram guerras, contaminam rios, destroem florestas, torturam, roubam, criam bolsões de pobreza, escravizam, violentam meninos, obedecendo a uma lógica obtusa e masculina.

Em “As Suplicantes”, Ésquilo afirma “que homens e mulheres são iguais em finitude; a vantagem das mulheres prende-se ao fato de que elas se esquecem disso com menos frequência”⁶.

Uma condição de equidade, justiça, liberdade e participação democrática, para além da religião, tradição, hábitos e normas, é o que deve ser conquistado por mulheres e homens. A beleza, parafraseando Vinícius, é fundamental como meio e finalidade. Ela transforma e sensibiliza. Não existe evolução e desenvolvimento humano sem beleza e para a beleza.

REFERÊNCIAS

AMIGO, María Luisa. (Ed.). *Humanismo para el siglo XXI: propuestas para el congreso internacional*. Bilbao. España, 2003.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

⁵ Glucksmann, A. p. 215, 2007.

⁶ *Ib.*, p. 238.

BEER, David; Hansen, Beatriz. Memórias e Descobrimientos: 500 anos de história da educação física, esporte, lazer e dança no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 7., 2000, Rio Grande do Sul. *Anais e resumos...* Porto Alegre: ESEF: UFRGS, 2000.

BOAL, Augusto. *O arco-íris do desejo: método Augusto Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *La dominación masculina*. Anagrama. Barcelona. España, 2000.

DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 2007.

DE LA CRUZ AYUSO, Cristina. (Ed.). *Los retos del ocio y la discapacidad en el siglo XXI*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2003. (Documentos de Estudios de Ocio, n. 26).

DUARTE JR., Joao Francisco. *O que é beleza*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos).

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. *Estado mundial de la infancia. la mujer y la infancia*. Honduras, 2007.

GAIGER, Paulo. *Educar para vivir: reflexiones desde el ocio humanista, el arte y la corporeidad*. 2005. Tese (Instituto de Estudios de Ocio) - Universidad de Deusto, Bilbao. 2005.

GAIGER, Paulo. Um ensaio sobre a corporeidade. *Perfil*, Porto Alegre, ano 4, n. 4, 2002, p. 95-102.

GLUKSMANN, André. *O discurso do ódio*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GREINER, Christine. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MAY, Rollo. *Minha busca de beleza*. Petrópolis: Vozes, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. *Así hablaba Zaratustra*. Barcelona: Edicomunicación, 1999. (Colección Cultura).

REVISTA DE ESTUDIOS DE OCIO, Bilbao, n. 25, 2003.

REVISTA DE ESTUDIOS DE OCIO. Bilbao, n. 26, 2003.

SALIS, Viktor D. *Ócio criador, trabalho e saúde*. São Paulo: Claridade, 2004.